S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 6 maio de de 1912 — ANNO XI — NUMERO 137

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
*Endereço telegraphico*: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

# A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . . . . . . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

## O anticlericalismo

Ninguem pode esconder que o facto culminante desta hora da civilização é o esforço magnifico da intellectualidade mundial repulsando os ensinos absoletos, os dogmas terrificantes do romanismo decadente.

Em todos os paizes, congregam-se elementos de combate ás manobras do Vaticano que, explorando a imbecilidade humana, pretende eternizar o seu dominio execrando sobre as consciencias.

A Igreja Catholica não se contenta com a magnanimidade dos governos permittindo o exercicio de um fetichismo grosseiro, embrutecendo e fanatizando as massas.

Não se contenta em expor uma farandulagem pomposa no interior dos templos, a sua carnavalesca ostentação objectivada em procissões, em repiques de sino e foguetorio atroador. Acha insignificante as immensas riquezas accumuladas em suas arcas por effeito de um culto movido exclusivamente pelos interesses de ordem material.

Não lhe bastam as pingues receitas que as missas, baptizados, sermões, casamentos... fazem derivar para os seus mealheiros repletos, tilintando de ouro e pedrarias faiscantes.

A sua ambição possue uma elasticidade incommensuravel.

A' conquista dos bens temporaes, do luxo, da vaidade, quer addicionar a subjugação das consciencias.

Préga o dogma do inferno, a infallibilidade papal, os pavores da excommunhão para incutir a pusillanimidade e obter a subserviencia das multidões.

Anathematiza a sciencia porque precisa evitar a todo transe que raciocine sobre os mysterios da eucharistia, da santissima trindade e de outras concepções sem nexo destinadas a entreter a fé cega nos cerebros vencidos, esmagados pelo obscurantismo.

A maior parte do clero está profundamente convencida dessas baboseiras e infantilidades postas em vóga, ha seculos, quando a ignorancia generalizada era um terreno excepcional á sua florescencia.

A maior parte desses *representantes* caricatos de Jesus, *continuadores* de S. Pedro, como fazem crer aos povos, é materialista até á medulla dos ossos. Está convencida de que o romanismo é uma grande ulcera no organismo das collectividades.

Mas prefere continuar a degradante comedia da hypocrisia, produzindo lucros faceis, a vir para a luta social onde o trabalho honesto e fecundo exige sacrificios, canseiras e, não raro, heroismos que ficam ignorados, geralmente, na sombra do anonymato.

. . . . . . . . . . . . . .

E' tempo da humanidade sacudir o jugo feroz das legiões do papa.

Colliguem se os espiritos liberaes, conjuguem as suas forças vivas contra todos os despotismos mascarados com a invocação sacrilega de Deus, contra todas as intolerancias que só têm ensanguentado o solo das nacionalidades... e em breve rasgar-se-á na historia uma éra de paz, justiça, amor, enlaçando os corações para a suprema conquista da fraternidade universal.

**Vianna de Carvalho.**

## O beijo que salva!

Está que é um primor a 1.ª pagina (sem reclame) do grande jornal carioca o *Correio* de domingo passado.

Como me acho satisfeito de ter puxado do fundo do bolso estes cinco vintens que nesse dia vieram matar a fome do meu espirito sedento de saber e de luzes!

E este alimento sagrado foi-me fartamente, abundantemente, prodigamente fornecido num desperdicio e liberalidade taes que farto me acho como ao sair do mais lauto banquete.

Ah! como a minha fibra de patriota e crente, ha muito amollecida por uma falsa philosophia subversiva e malsã, vibrou de novo com toda intensidade de que é capaz, depois de ter lido, relido, analysado as sete columnas suggestivas e cheias de logica impeccavel e substanciosa dos insignes escriptores que enriquecem as columnas do mais lido de todos os jornaes da capital da Republica!

A primeira chronica tem por titulo — A mulher e a bandeira — e traz a data de 5 de abril — Lisboa. Para que se faça uma ideia justa do que é esse artigo, ahi vai o final do ultimo paragrapho:

«As mulheres hespanholas, que não sabem, positivamente, o que hão de fazer a todos os beijos que continuamente lhes nascem nas boccas appetitosas, vão galantemente crear esse outro beijo, esse inedito beijo da patria, o beijo que se offerta á passagem da bandeira, o beijo que, nascendo á vista do symbolo nacional, não deixará de ser a melhor garantia do futuro da raça e mais uma causa de inveja para as companheiras do alferes que levar, nos dias grandes, o lábaro de ouro e sangue.»

Hervé, cobre-te de vergonha, de nada te servirá o que fez este official millionario do exercito francez que tu subverteste com a tua campanha antimilitarista e as mentiras e feias coisas que prégas. Este louco que, não satisfeito de te enviar todos os mezes mil francos durante os quatro annos que tens de passar nas masmorras republicanas da França de 89, ultimamente levou a demencia ao cumulo de pôr á tua disposição 500 mil francos (cerca de 300 contos) se o governo não te abrir as portas da prisão já e já!

E vós pacifistas, para traz: nós as mulheres queremos que os nossos filhos adorem o pendão symbolico em torno do qual se morre e mata, como actualmente em Marrocos ou na Tripolitania e nos futuros campos de batalha. A guerra é agradavel a Deus.

Assim deve pensar a escriptora hespanhola condessa de Pardo Bazane e todas as damas da aristocracia mundial!

Entretanto, ainda não se quizeram convencer disto as mulheres do povo, como por exemplo as dos mineiros inglezes e outras mais.

Outro artigo, o ultimo da pagina e que termina no começo da primeira, reduz os republicanos portuguezes á expressão mais simples, e, como sempre, o articulista fala-nos na proxima invasão de Paiva Couceiro, o que tem sido uma mina de ouro, dizem, para o jornal em que prophetiza, porque nove decimos da colonia desta grande cidade espera anciosa a volta do rei e a restituição á Igreja Catholica das suas seculares prerogativas e privilegios.

Cita o telegramma que diz estar Couceiro em Camposancos, villa hespanhola fronteira a Caminha, e accrescenta: «Oxalá assim seja, e que o troar da artilheria realista indique ao universo que chegou a hora da liquidação de um regimen que assassinou um rei e um principe, que maculou uma bandeira sagrada, substituindo-a por um pavilhão que a lealdade portugueza repelle e não reconhece, e que suffocou a liberdade de consciencia de um povo que era livre, não lhe respeitando ao menos a crença religiosa!»

E termina alegremente:

«Vai começar a Inana!»

Como viram pelas trascripções que fizemos, é o combate a peito descoberto, a carga cerrada, a fundo contra as theorias diabolicas que irradiam deste fóco de revoluções que é a capital franceza, que ha um seculo vêm derrubando imperios e reinos e ameaçam agora as proprias republicas com as suas greves monstros a que dão o nome de acção directa.

Ah! porém não lograrão o seu intento estes novos barbaros. O beijo á bandeira dado ou enviado de longe pelas aristocraticas boccas femininas foi uma nova descoberta que veio salvar o corpo social gangrenado.

Gloria ao beijo!

Qual, o do Iscariote ou o de Rostand?

Não, o da bandeira.

**Adrecal.**

Rio, 28 — 4 — 912.

## Os crimes da Igreja

**Supplicio de Joanna d'Arc que, depois de queimada viva pela Igreja, foi por ella canonizada.**

## MILAGRES

Sustentar que um phenomeno póde occorrer independente ou contrario ás leis naturaes que regem o universo é uma estulticia. Milagre não ha, não póde haver. De facto, o mundo e os outros astros, que vemos brilhar na immensidade, são regidos por leis fixas, eternas, immutaveis.

Eis o que sustenta a sciencia, este é um dos axiomas da grande mestra. Se assim é, se essas leis são immutaveis como se podem alterar?

A causa dessas leis, a sciencia as desconhece é certo; mas, pondo de parte as explicações metaphysicas, a sciencia estuda, investiga e ha de chegar o dia em que o que resta de incognoscivel na natureza se patenteie, claro, insophismavel aos olhos de todos.

A tendencia da hodierna geração a leva para a analyse e a critica, Desmoronados os dogmas, perdida a fé religiosa, procura a sciencia a chave dos mysterios que a natureza guarda avaramente. E as descobertas se succedem. E proseguindo em sua obra, a sciencia procura investigar com o auxilio da razão, da intelligencia humana a causa desconhecida de factos que se dão e que ella não póde explicar *actualmente*. Quer isto dizer que os factos, a que nos referimos são milagrosos? Não. Existe de certo, o incognoscivel, mas este incognoscivel se vai restringindo, á medida que a sciencia progride. Assim: houve uma época, em que a causa dos raios e trovões era desconhecida Hoje esta causa não é mysterio para ninguem.

"Não sei a causa desse facto, mas saberei" tal é a resposta que dá a sciencia. E, incansavel, prosegue as suas investigações, com tanto mais ardor quanto maiores forem os obstaculos. Se assim é, não póde haver milagre, isto é, não póde occorrer um phenomeno contrario ás leis conhecidas que regem o universo.

Essas leis são implacaveis. Não as commovem a angustia terrivel de um irmão que vê morrer na flôr da idade a seu irmão querido, o lancinante desespero de infeliz mãi que sabe condemnado o seu filho extremecido. Mesmo admittindo a existencia de Deus, o milagre é impossivel. Para os que admittem Deus, as leis naturaes estabelecidas por este ser omnipotente são sábias, perfeitas Ainda nessa hypothese o milagre é inaceitavel. De facto a modificação de uma lei, importa, é obvio, na melhoria della. Sendo assim a lei natural modificada não é sábia, o que é absurdo. A revogação de uma dessas leis importa na inutilidade della ou na injustiça que della promana. Absurdo maior, pois vale dizer, que a lei natural revogada era injusta ou inutil.

E' crivel que Deus tivesse prescripto leis que precisam ser revogadas, ou modificadas? E' crivel que Deus dê aos homens, o funesto, o pernicioso exemplo de desobedecer a leis que elle mesmo prescreveu? Não, meus senhores, isto não é serio.

Si acreditaes em Deus, negai o milagre.

Juntai-vos a nós, como os espiritas, e como os discipulos de Satan, negai o milagre, como incompativel com a sabedoria, a presciencia de vosso Deus.

Negai o milagre, juntai-vos a nós, pois o milagre, contradicção de uma lei natural, é a negação da sapiencia de Deus. Negai o milagre, e affirmai comnosco que phenomeno algum, contrario ás leis naturaes póde occorrer.

Rio, 25 — 3 — 1912.

**Eduardo Vital.**

## BRUXARIA

**(Conto portuguez)**

Naquella pequena aldeia remota, despenhada no cavado dum valle, apertada entre serranias altas, onde todos pacificamente nasciam, viviam pacificamente — trabalhavam, casavam, procreavam — e pacificamente morriam, na tranquillidade enorme e suggestiva dos campos, manchados pelas nódoas fulvas de grandes bois mansos, ninguem vira jamais um «passaro» assim, de bico curvo, o olho redondo, as pennas de côres brilhantes... Por isso o assumpto das palestras, ao serão, era o papagaio do «brasileiro».

Já quando este chegara, o panico fôra geral. O brasileiro tinha chegado certa manhã, no comboio do Douro, á estação mais proxima da aldeia — tres leguas bem puxadas. Era uma estaçãozita garrida, com um pequeno jardim todo florido de rosas-chá, e onde vivia, com mulher e tres filhos, um chefe gorducho e de barba grisalha.

Foi um acontecimento. A noticia espalhou-se depressa, na vespera, pelas poucas casitas do lugar. Até o *Za* da Quinta, que tinha de ir á feiré distante vender os toiros, teve pena de não ticar para assistir á chegada festiva do «brasileiro». Coisa de doia mezes antes, já a mãi, velhota conservada, recebera do «filho do Brasil» uma carta e dinheiro para comprar a casa que fôra do «padrinho» — «ata ver, dizia elle, porque *dipois* mandé fazer um *chalé* e compro uma fazendao *Grassas á* Deus, tenho com que viver».

Na venda do Matheus, onde havia boa pinga do verdasco, o caso fôra profusamente commentado. O Penedas disse ao taberneiro:

— Então amanhã (*anton amenhão* — como elle dizia) temos cá o nosso brasileiro, o Joaquim da Mó.

— Diga «o sr. Joaquim de Sousa Soares», compadre, que vi eu na carta p'rá mãi, emendara o Matheus. E ajuntara: — O' compadre, quem havia de dizer que aquelle rapazelho, que foi p'ró Brasil sem uma camisa p'ra vestir, havia de voltar um Fricaço?!

— E' verdade, compadre. E diz que vai mandar fazer um *chale* p'ra mãi e comprar *fazenda* p'ra um vestido. Hade ser coisa rica!

Gloriosa manhã, a da chegada. No pequeno largo da estação esperava o carro, mandado fretar na villa. Na venda fronteira, com um banco de pinho á porta, sobre o qual um gato fechava os olhos somnolentamente, o cocheiro bebia com a familia do «brasileiro». Cá fóra, havia um carro de lavoura, em repouso, sem os bois; uma gallinha com pintos esgaravatava na terra molle, chamando os filhos; e a um canto, junto a um muro baixo, alinhava-se uma girandola de foguetes, ideia do compadre da Eira.

Foi-se aproximando a hora. De repente, a campainha de aviso badalou. Todos se apressaram, limpando os beiços á manga da jaqueta. O sol picava já.

Novo toque de sineta, um apito ao longe e a locomotiva appareceu numa curva da estrada. Vista de frente, parecia avançar lentamente... depois precipitou-se, assustou um bando de pardaes, que fugiu do jardim numa chiada alegre, passou rapidamente pelo grupo, que recuou, e parou resfolegante. Houve na gare um movimento ansioso de curiosidade. A Anninhas, sobrinha do «brasileiro», ficou mesmo em frente duma segunda, onde um joven, typo de estudante, disse para dentro:

— O' rapazes! venham vocês ver este peixão!

Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e mosca em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era *elle*: era elle, não havia duvida; via-se pelo retrato que elle mandára. E foram abraços, perguntas, lagrimas e risos. O «brasileiro» falava devagar, arrastadamente, accentuava as syllabas. E tinha um riso pausado e grosso, que lhe fazia tremer, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Apearam-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhos.

De repente, o brasileiro lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé a Anninhas:

— O' moça, faz favor, me vai buscar o papagaio.

A Anninhas não comprehendeu. Ninguem comprehendeu. E ficou tudo boquiaberto, quando o chefe da estação, muito amavel, trouxe o bicho empoleirado, aos gritos. Só serenou o espanto, ao subir a girandola, que o compadre da Eira fora sorrateiramente incendiar.

Fez-se um grande reboliço no comboio. A todas as portinholas assomaram cabeças curiosas e risonhas. Em cada janela de terceira, havia tres e mais, espreitando. Um gritou: Viva a pandega! E até um majestoso conselheiro, que viajava em carruagem-salão, appareceu alvoroçado, não fosse para elle a homenagem.

Agora, na aldeia, todos admiravam a ave estranha e ninguem vira jamais um «passaro» assim, de bico curvo, o olho redondo, as pennas de cores brilhantes... O João, filho do Penedas, namorado da Anninhas, com quem ia casar lá para as vindimas, contou em casa della uma historia que muito fez rir. Batera á porta do «brasileiro» e

## CAUTERIOS

LXV

Pobres crentes, ó gente sem miolo,
Malditos da razão, gente maluca,
Tirae da vossa mente o embuço tolo,
Que vos torna sandeus, que vos machuca.

Tendes a vossa fé como um consolo,
(O consolo que dá uma peruca
Nem tal, que esta resguarda dum carolo
A uma cabeça calva e já caduca,

A simples brisa muitas vezes basta
Para deixar a vossa calva á mostra,
Da fé, no emtanto, nada vos afasta,

ámais a fé vos deixará libertos...
E enbalde a luz que Idéa vos demonstra:
Sois cegos, tendo os olhos bem abertos!

*Beato da Silva*

logo da janela tinham perguntado: «Quem é?» Dissera o nome, sem ver quem lhe falara, e ouvira: «Olá! você que quer?» Vai-se a ver, era o diacho do tal papagaio...

— Não que elle parece mesmo bruxaria, commentou a tia Rosinha.

Só o outro filho do Penedas, o Manuel que fôra soldado no Porto, no 18, onde «amargara» dois annos no meio de sargentos brutaes que o esbofeteavam, só esse é que dizia com ares superiores ter já visto muito papagaio; «lá na cidade, na rua do Almada, perto do quartel, até havia um que fazia «psst» e ria de quem olhava para trás.»

Mas havia apenas tres dias que chegara o brasileiro, na aldeia se falava no papagaio, quando este, conseguindo desprender-se, teve a extraordinaria ousadia de voar para o pinhal, indo pousar no ramo dum pinheiro, mesmo por cima do caminho.

Cahia um sol ardente. E o dia, um dia sereno, sem uma aragem a agitar as folhas, era duma claridade triumfal. Do fundo do valle subia o ruido cantante de aguas sobre seixos.

O Zé da Quinta regressava da feira. Varapau ao hombro, jaqueta dependurada do marmeleiro, caminhava alegremente, a assobiar, espreitava, de cara no ar, as rolas que atravessavam o pinhal, e fazia tilintar, de vez em quando, as moedas da bolsa. Demorara-se, sim, mas o negocio tinha sido bom. De subito, parou. No gallho torcido dum pinheiro bravo, estava um passarão exquisito, que elle nunca vira, de bico torto, o olho redondo, as pennas de cores brilhantes... Sobretudo a plumagem! Plumas verdes, azues, amarellas... Nunca na sua vida...

— Vou ver se o apanho, pensou elle de repente, para o levar ás raparigas. Lindo passaro, sim senhor! E sorria: uma boa noticia e um bonito «passaro». Decididamente estava com sorte..

Tinha a mão certeira. Poz o cacete no chão, apanhou uma pedra, recuou o pé dereito, puxou o braço atraz e o projectil sibilou. O estranho «passaro» viu-o passar bem perto e permaneceu impassivel, a olhar de lado, fixamente, o olhinho quieto. Foi outro seixo, foi terceiro, e outro, e outro... Impavido e sereno, o estranho «passaro» via passar as pedras e continuava a fitar o inimigo, com a cabeça tombada, o olho redondo...

— Esta agora! pensou o Zé, admirado. Pois já que não foges, vou lá buscar-te.

Foi trepando mansamente, abraçado á arvore. O «passaro» tombara a cabeça para o outro lado e via-o subir. Depois o Zé, quando chegou ao alcance do lindo presente que ia levar ás raparigas — como ellas haviam de ficar contentes! — ia a estender o braço, via-se já senhor do bicho... Mas o «passaro», numa voz rachada e grossa, pronunciou:

— Olá! que é que quer?

O Zé da Quinta, olhos arregalados, a boca escancarada de assombro, não soube senão levar a mão ao chapeu, respeitosamente, e pedir desculpa com um longo ah!

— Ah! Faça'vor de desculpar, meu senhor, que eu cuidei que vossemecê era um passaro!

**Zeno Vaz.**

## Um vigarista fradesco

*La Libre Pensée* traduz dos *Ecos do Caucaso* a noticia seguinte:

«Ultimamente, na provincia de Bessarabia (Russia), correu o boato de ter apparecido um propheta. A impressão causada no povo foi grande, e só se falava desse apparecimento. O propheta ia de aldeia em aldeia, brandindo uma cruz de pau, entrava em todas as casas, aspergia de agua os habitantes, chamava-os á penitencia e clamava:

— Raça de víboras! Arrependei-vos, porque em breve virá a noite e a gehenna de fogo vos varrerá da terra! Não fumeis tabaco, desprezai as mulheres, não comais carne de porco, pois é amaldiçoada pelo Senhor Sabaoth e Santo Innokenti.

Na aldeia de Myndrechti o propheta, vendo um rico lavrador vestido com uma bella pelliça, acercou-se delle e ordenou-lhe que se ajoelhasse. Tendo borrifado o lavrador e proferido uma prece inintelligivel, o monge disse: «Responde! Tu darás?» — «Sim.» — «Tira então a tua pelliça.» E a pelliça nova passou para os hombros do propheta. Por esta mesma forma, reuniu o frade um monte de objectos e uma forte somma em dinheiro. Em consequencia das suas predicas, tres raparigas, uma velha e um moço enlouqueceram.

Preso pela policia, o propheta declarou pertencer a um convento de Bessarabia e ter inventado aquelle estratagema para arranjar o dinheiro necessario para uma viagem á Terra Santa, visto não ter meios para isso.»

Os vigaristas, infelizmente, encontram sempre ignorantes e imbecís que se deixam lograr.

## "A Velhice do Padre Eterno"

Temos novamente a venda, a 1$500 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

# Glorificando um martyr

## Antonio José (o Judeu)

Vai ser erigida uma estatua em Lisboa ao poeta brasileiro Antonio José (o Judeu).

E' a glorificação posthuma de um martyr da intolerancia religiosa. E' o preito de admiração a gratidão do povo pela memoria de um dos seus mais dignos de veneração.

O romancista insigne que foi Camillo Castello Branco, encheu as paginas de um precioso livro com a vida da victima do Santo Officio, o perseguido da Inquisição.

Succumbiu Antonio José, ainda em plena juventude, á sanha feróz dos proselytos de Torquemada.

O fogo da intolerancia criminosa não poupou o fogo do talento e o ardor da mocidade. Tudo desappareceu um dia entre os rollos de fumo espesso dos pranchões na praça do Rocio.

Mas as maldições pezarão eternamente sobre a execrada memoria dos algozes, emquanto que o martyr da Inquisição recebe da gratidão do povo a eterna consagração do marmore.

Os julgamentos da historia são implacaveis e a justiça do povo cedo ou tarde se faz sentir.

A Junta Liberal tomou a si o encargo de promover a erecção do monumento, para o qual o distincto esculptor portuguez Simões de Almeida Sobrinho tem executada uma preciosa maquette.

## S. S. G.

## Resenha duma revista de anno

Sr. Redactor:

Ha dias, descrevi, brincando, as scenas agradaveis de uma festa carnavalesca e tivesteis a bondade de acceitar o meu humilde artigo, no vosso conceituado jornal; grato pela fineza, peço acceitar mais este modesto trabalho de resenha theatral.

Hoje, as scenas mudaram e é o clericalismo quem apresenta seus actores na grande comedia que vou descrever em resumo: Pelotas é o proscenio onde a mentira, com todo seu cortejo de bajulações clero-jesuiticas, tem papel saliente, e a desmoralização religiosa está desvendando a hypocrisia no seu mercado das coisas divinas...

A matriz, outr'ora um templo onde o povo, sem distincção de crenças, tinha entrada franca, e lá, genuflexo, respeitosamente era todo ouvidos ao venerando sacerdote — dr. Maia Firme — está transformada em cathedral... com camarotes para classe privilegiada, e galerias, segundo a phrase dos mocinhos catholicos, que simulam a venda de entradas na porta, para o povo humilde que não tem ali seu Deus...

Estamos em dias de festas, e o ex-templo tem o aspecto de uma praça de guerra, cercada de policiaes, para garantia da fé que já não existe... para defesa de um perigo imaginario, creação dos jesuitas de casaca, dando formas aos sentimentos de perseguição que pelos meios dignos de honra jamais será possivel...

Pelas ruas, um bando de meninos alegres, em cujos corações innocentes o virus da religião falaz não poude ainda atrophiar os sentimentos de amor á liberdade — brincam apupando discursos uns dos outros, mau grado os corypheus do bezerro de ouro que não tinham conseguido a arruaça desejada, apesar de haver um lobo que mereceu ser variado...

Aqui finaliza o acto; mas, ha uma mutação: o brinquedo dos meninos é aproveitado, invertido a serio, e logo mil queixas de sacristia correm por toda parte fomentando o alardo... depois a verdade entra esclarecendo tudo; mas, os vendilhões do templo não estão satisfeitos e continúa o mercador apregoando a amostra... e, vê-se pelas ruas um vulto que não tem côr, saltando aqui, ali, mendigando assignaturas para um protesto, vilmente forjado, que o bom senso não acceita e... a cada passo um olhar de desprezo, uma resposta digna do mendicante, uma grosseria bem merecida, mas... nada disto o faz corar... e a população livre, indignada, commenta com escarneo os successos da desmoralização crescente...

Agora um novo acto, um dia mais, e a mentira entra nos lares, explora a ignorancia, exalta a maledicencia, convence os sêres doceis e as commissões de senhoras entram no ridiculo da mendicação, a pedirem votos para levantar uma hypothetica falta de garantias para um moço bello... robusto... cujos olhares seductores, vindos do pulpito, pagam generosamente... o sacrificio de uma mendicação arruaceira...

Ha um momento de silencio... o homem-Deus está agonizante, e os mercadores preparam-se para transmutação das suas dores em almoeda, não mostrando-o de feira em feira, como disse o grande Guerra Junqueiro, mas no ex-templo, hoje cathedral... A scena é bonita, um fundo escuro representa o infinito da negra concepção clerical... nos camarotes, a vaidade admira as fantasias com ostentação e luxo; mas, não pensa em Deus... No plano inferior, alguns fanaticos batem no peito sem saberem porque... e, velhas que o tempo esqueceu, homens que não foram á escola, crianças cujos pais não leram a historia, trazem no peito os bentinhos — *marca da fazenda clerical.*

Na rua, o canto harmonioso de distincta joven, no papel de Veronica, commove as almas crentes... ouvem-se notas sentidas arrancadas do fundo duma innocente, ao lado do vicio que, colmado por um pallio, para no adro da cathedral... está satisfeito por vêr que essas notas cadentes voltam do céo em fios de ouro para as arcas do thesouro do Deus-anthropoforme...

Na praça, um grupo de indefferentes ri de si e de todos... outro, de homens velhos, fala baixinho, com saudades do passado e envergonhado do presente... vê como se vio, na França, os falsos republicanos vendendo a Patria ao clero em nome do innocente Dreyfus; vê o fantasma que assassinou Ferrer; vê a escoria que Portugal jogou fóra-fronteiras e Nilo Peçanha teve a dignidade de não acceitar, e a ignorancia no Rio Grande do Sul — a ingenuidade de lhe entregar o Estado.

Agora, emquanto se caracterizam os principais actores, passa-se um preenchimento de scena: Um grupo sái detraz dos bastidores trajando casaca, mascara e barrete phrygio, segue uma rua e estáca diante do grande edificio da Capela da Caridade, onde está no frontispio, em alto relevo, a corôa da monarchia, como emblema de uma esperança futura, que se aninha na alma do clero e dos apparentes republicanos! O dedo da interrogação popular aponta o emblema: mas um padre puxa os comparsas pela aba da casaca, á guiza de corda de sino, e elles entoam o cantochão ensaiado — Tolerancia... Tolerancia... Tolerancia...

Acto final e apothéose:

A mis-en-scene é deslumbrante; mas o quadro é triste... Desce o proscenio um vulto que foi grande nesta terra, estimado pelo povo, elevado pela população, que não bajula, á posição nobre de um chefe em quem todos confiavam... e, é triste dizel-o: vem diante desse mesmo povo mostrar o que durante tantos annos occultou, vem mostrar-se amesquinhado aos pés de um bispo, para merecer a indifferença, o silencio, o desprezo que merecem os jesuitas de casaca! Este mesmo personagem que sempre recebeu a continencia amiga, em toda parte, e um sorriso sincero de todos os correligionarios, e recibido pela justiceira massa popular, que não se dignou tocar no chapéo...

Agora um galã de guarda-sol se exhibe no ridiculo e os dentistas da terra viram um collega fazendo um trabalho á chineza, que muito deve honrar a classe...

Vê-se tambem um sr... que ha poucos dias, illudindo o eleitorado debaixo da capa de republicano, consegue um logar no senado, e está fazendo de comparsa a deitar esgarares para descobrir no meio do povo livre os que apupavam os máos actores da comedia, sem lembrar-se que nesse mesmo povo estavam todos os que lhe tinham dado a esmola de um voto, para ir dizer amen aos discursos dos republicanos verdadeiros, e, surpreso vê que o sr. eleito é tambem um jesuita de casaca.

Oh! Bispo... tu, que tiveste a infelicidade de ser o portador da desharmonia, para a familia pelotense, tens o meu voto de louvor, por trazeres tambem a luz que nos deixou ver atravez da mascara a hypocrisia que nos acariciava occultando as garras...

Fugi um momento do assumpto da comedia para ouvir o aparte de um espectador intelligente; mas... voltamos ao assumpto: Um galã, trajando côr de lobo, contrascena com outro vestido de bispo, um tem o papel de cynico, o outro de ingenuo, ambos estão bem ensaiados, mas, o primeiro... o galã querido de todos os tempos, o senhor da palavra maviosa que tantas vezes, no papel de advogado, commoveu os auditorios e mereceu palmas em pleno jury, está pallido, está commovido... e, vê-se que como artista, ainda que bem pago, é-lhe forçoso desempenhar tão vil representação... gesticula... olha a massa popular que o lamenta... vê a estudantada amiga, que sempre o cercou de carinhosas attenções e louvores de talento, que vai entrar no demerito... vê os grupos de moças, dessas que o virus do fanatismo não pôde ainda polluir e nas sociedades applaudem as suas conferencias entre flores e attenções dispensadas, dispensadas a palavra maviosa que vão ver atirada, envolta na mentira religiosa ao pó das ruas... E' cruel a situação... Os applausos que sempre o offereciam nas suas entradas em scena estão agora occultos no silencio da morte moral, que nem todo o ouro dos phariseus que o cercam será bastante para fazer voltar á vida...

E' mister falar... a profissão assim o exige; mas o galã não ouve o ponto, desnortêa... a estudantada intelligente não deixa passar, e dá apartes... o galã esquece o papel e faz de mestre-escola, da qualificativos á sciencia, compara-a inferior á religião... mete-se no dogma, nos milagres, nos mysterios da mentira clerical e... para salvar-se, dá a deixa...

Toma a palavra o galã ingenuo... tem graça, fala baixinho e vai bem no papel; mas não tem jogo de scena, faz ademanes discordantes da palavra e... aos pulinhos dá muito trabalho ao dentista a chineza, que a todo o custo evita que o astro rei lhe toste a face mimosa... A rapaziada ri, o *ministro* e o *ministerio* riem tambem...

Termina a comedia com a apotheose habitual das sextas-feiras santas, notando-se uma innovação: um pequeno grupo que não conhece a origem do escapulario, tral-o no peito como — *marca da fazenda clerical.*

**Um Popular.**

Pelotas, abril de 1912.

## Secção amena

### Paga-se só á entrada

Certo usurario avarento e ladrão pretendeu, na hora extrema, alcançar o perdão dos seus peccados e chamou um jesuita, que logo o aterrou com a visão das chamas do inferno.

— V. rev. acha que vou para o inferno?

— Infelizmente é mais do que certo.

— E' o fogo eterno?

— Eterno! eterno! Oh! é horrivel!

— Meu Deus! E não ha remedio?

— Ainda ha: resgatar os seus peccados.

O velho percebeu e perguntou, a medo, quanto seria preciso dar.

— Nisto não se discutem preços, bem sabe: é pagar ou ir para o diabo. E' um conto de réis, preço minimo.

O velho avaro pagou e rebentou.. de dor. Chegado á porta do céu, appareceu-lhe o porteiro careca, que vocifera irritado:

— Você aqui! Já daqui p'ra fóra, seu bandido!

— Mas, responde o agiota, eu paguei a entrada com bom dinheiro, com o meu pobre dinheirinho da minha alma! Cá está o recibo.

— A quem é que você pagou?

— A um reverendo padre.

— Grandissimo imbecil! Agora aguente-se, seu idiota! Vá chorar as suas desditas no regaço do diabo que o carregue! Você roubou muitos desgraçados, e por fim foi tambem roubado. Bem feito! O tal padre passou-lhe o conto do vigario. Então você não sabe que Deus já não confia nos padres e que lhes cassou a procuração que lhes tinha passado? Remissões, esmolas, óbolos de S. Pedro — intrujice tudo, tudo para elles! Por isso agora é aqui, á porta, que se paga. Acabaram-se os agenciadores!

*(Imitação).*

## Numeros atrasados

Dispomos de alguns pacotes de numeros atrasados da *Lanterna* para serem distribuidos gratuitamente.

# Da Porta da Europa

*Em quanto corre a semana santa... — A grande guerra do carvão: o seu lento fim na Inglaterra e o seu inicio nos Estados Unidos — Começa um periodo agitado de greves — A prolongada greve dos chauffeurs de Paris: incidentes tragicos — Funerais imponentes de um grevista assassinado — O momento em França: a onda nacionalista — Provocações militaristas — Como se aquece o patriotismo ignaro e vazio — Uma provavel batalha proxima.*

LISBOA, 6 DE ABRIL.

Em quanto esta velha Lisboa sceptica se diverte com as amendoas e folares, com as raparigas que passam a visitar as igrejas enfeitadas e a provocar olhares cubiçosos e sensuais, com as exterioridades pagãs do culto decadente e com o que este ainda possa mostrar de grato aos sentidos, sem contudo ter grandemente interrompido a faina de cada dia, passemos em rapida revista alguns episodios da questão social, a maior de todas e a que de todos força as atenções.

A grande guerra da hulha, que teve breves manifestações em França e na Alemanha, onde em todo caso o esforço operario não se perdeu inteiramente, vai terminando com certa lentidão na Inglaterra, porque a concessão legal vivamente arrancada com a luta, nem sempre pacifica, não satisfaz nem tranquiliza um grande numero de grevistas. E nos que voltam ao trabalho não opéra por certo como principal motivo o contentamento por uma vitória obtida, mas antes a fadiga resultante da resistencia sustentada.

Mas ao mesmo tempo que a grande guerra cessa no vasto campo de batalha industrial que é a velha Albion, com a promessa, porêm, de duradoiras repercussões, eis que novo conflito mineiro estala do outro lado do Atlantico, como aliás estava anunciado. No primeiro do corrente, 700 mil operarios das minas de antracite e de carvão betuminoso dos Estados Unidos iniciavam a greve, não tendo chegado a acôrdo com os proprietarios sobre o aumento de salario que reclamavam: 5 e 10 % respectivamente. E em quanto por um lado se confiava numa pronta solução, por outro esperava-se um alargamento da greve.

No grande país industrial norte-americano, parece iniciar-se um periodo de viva agitação grevista. Em Chicago, por exemplo, quinze mil carpinteiros e marceneiros abandonaram as oficinas. Prepara-se, em todo o país, uma importante greve dos maquinistas ferroviarios, e os marinheiros pensam em lançar mão da mesma arma.

Reatravessando o Atlantico, encontramos em França uma interessante greve, cheia de incidentes: a dos *chauffeurs* de automóveis contra um poderoso «Consortium» de Companhias. Estas, com o descarado auxílio da polícia, passando por cima da lei e das formalidades legais exigidas aos *chauffeurs* regulares, conseguiram recrutar um pessoal de occasião, quasi todo de sujeitos de má nota. Nas ruas sucedem-se os desastres, os atropelamentos, os conflitos, e o público em geral mostra-se simpatico aos grevistas, que podem manter tam prolongada resistencia.

E' talvez esta resistencia que, irritando as Companhias e a polícia, leva estas às provocações e aos incitamentos à violencia.

Os «amarelos» (é assim que os operarios franceses designam os fura-greves, os traidores à classe trabalhadora que substituem os grevistas ou não aderem à greve) foram armados e encorajados; e deste modo, sentindo-se protegidos, começaram a mostrar-se provocadores e agressivos. A tragédia temida sucedeu. Em Levallois-Perret, subúrbio parisiense, onde o Consortium tem instalações, alguns amarelos, sem mais nem menos, dispararam sobre um grupo de grevistas, e um destes, Bédhomme, caíu morto. Naturalmente, a impressão produzida no mundo operario foi enorme; e os funerais do assassinado, apesar de ter a polícia sequestrado o cadaver durante a parte mais populosa do percurso, foi uma imponentissima manifestação de protesto — 25 mil trabalhadores e revolucionarios longe do centro e em dia de trabalho!

O momento em França é realmente de ardor. Porque não são apenas os revolucionarios que se agitam: são tambem os retrógrados, os rialistas, os bonapartistas, os nacionalistas e militaristas de todos os matizes. Todos esses elementos, essas escórias do passado, procuram reconquistar a rua e a opinião, perdidas desde a questão Dreyfus.

O actual ministro da guerra, Millerand, antigamente socialista... de agua doce, favorece, conscientemente ou inconscientemente, os planos destas ordas ja desenfreadas, com as suas aparatosas revistas militares e as suas pomposas *retraites* com musica (toques de recolher) todos os sabados.

Uma dessas *retraites*, cujo itinerario só foi publicado á ultima hora, com o evidente propósito de o tornar ignorado pelos operarios, desfilou provocantemente, ha oito dias, em frente da Bolsa de Trabalho, para cujas janelas os manifestantes militaristas, rodeados de polícia protectora, ergueram as suas bengalas e os seus punhos cerrados e clamaram os seus vivas e morras.

Foi um desafio. E os operarios sindicados assim o entenderam e aceitaram, prometendo dar a resposta oportunamente. A finança, com a grande imprensa a seu serviço, vendo a oposição que o operariado consciente faz ao militarismo e à guerra — males cujo peso ele sofreria exclusivamente, para honra e proveito da oligarquia dominante — a finança, digo, procura aquecer os entusiasmos irreflectidos do patriotismo guerreiro, para oportunamente os aproveitar. O romance, o jornal, o teatro, o cinema, as revistas militares, os aeroplanos de guerra (burla espantosa em que se empenham os industriais da aviação), as *retraites*, tudo trabalha para o mesmo fim.

Os operarios conscientes compreendem a manobra e o perigo e preparam-se para o combater. E' pois provavel que vejamos brevemente renovada em França uma batalha como a do caso Dreyfus, travada talvez em volta do nome do soldado Rousset ou a proposito de qualquer outro ensejo.

**Neno Vasco.**

## Capital e trabalho

### Fabricas e officinas

Todos nós, trabalhando, não temos só um fim em vista. Ninguem que se entrega a um labor, a uma tarefa qualquer, remunerado, fa-lo com o escopo unico de manter-se a si e a sua familia. Todos buscam mais: um relativo bem estar, uma maior facilidade na acquisição dos meios que julgar constituirem a sua relativa felicidade, consoante, naturalmente, os conhecimentos e faculdades de cada um. Sómente os irracionaes vivem unica e exclusivamente para comer. O homem, — o ser por excellencia, — não encontra a sua meta em coisa tão mesquinha; elle, sempre e sempre, almeja um futuro melhor do que o presente, para si ou para seus filhos, sua familia. E muito nobre, muito dignificante é, sem duvida, esse desejo, essa esperança de melhoria, e o progresso consiste em não conservar-se estacionario.

O que se nota, entretanto, neste particular, com os operarios das fabricas e das officinas? Emquanto os officiaes de outros mistéres, com o seu trabalho honesto e pertinaz, a pouco a pouco, conseguem melhorar a sua situação, elles, os infelizes, desgraçados operarios, anno após anno, são sempre os malaventurados que nada têm, nada possuem, além de muitos filhos e, quiçá, innumeras dividas!

Elles, os que trabalham em labores exhaustivos; elles que, encurralados em estreitos e deficientes espaços, ás centenas, sem ar sufficiente, sem luz, sem os necessarios meios de hygiene e prophylaxia, exgottam as suas forças, dia por dia, em trabalhos rudes e grosseiros e, por vezes, no meio de drogas deleterias ou num ambiente mephitico pelas emanações nocivas de gazes venenosos, entre as engrenagens e transmissões mortiferas das modernas possantes machinas, em risco mil e mil vezes da propria vida; elles, os párias, os desherdados da sorte, elles nada possuem, nada são e nada valem!...

Escarneo cruel de uma sorte atroz! Irrisão extranha de um destino mais duro que o granito!

Esteio primordial da industria, do commercio, da civilização emfim, é comtudo o operario o ultimo dos seres mais abjectos, o individuo mais repellente e desprezivel que cobre o sol!

Elle, a mola poderosissima que movimenta todo o orbe, sem a qual voltariamos ás éras obscuras do troglodyta, elle, nada mais merece do que uma côdea dura de pão, que tambem não se nega ao mais sarnoso dos cães e, além disso, condimentada com o mais affrontoso e sanguinolento desprezo!...

Elle, que devêra ser incluido entre os bemfeitores da humanidade, é o derradeiro na escala zoologica racional!

E isso porque a ganancia sordida dos exploradores desse infeliz se esqueceu de que este é tão bom como aquelle e que o explorador em nada, mas absolutamente em nada, é superior ao explorado, estando mesmo o mais das vezes abaixo delle em sentimentos nobres e generosos.

R.

(S. Paulo).



## HORARIO SINGULAR

Numa folha catholica hollandesa (*De Christelijke Aktie*) e á entrada dum convento catholico, na Prussia rhenana, lê-se o seguinte:

"VIAGEM PARA O CEU

PARTIDA: A qualquer hora do dia.

CHEGADA: Segundo a vontade de Deus.

TRENS DIVERSOS: *a) Trem rapido* para 1º pobreza voluntaria; 2º castidade eterna; 3º obediencia absoluta. (O rapido é pois reservado aos membros das ordens catholicas que assumiram e cumpriram esses três compromissos).

*b) Trens expressos* (só 1.ª e 2.ª classe) para: 1º temor de Deus; 2º exercicios de piedade; 3.º emprêgo frequente dos santos sacramentos.

*c) Trens omnibus*: 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, para 1.º observação dos mandamentos divinos; 2º cumprimentos dos deveres profissionaes e outros.

*Tarifa das mercadorias*: 1.ª classe: caridade e dedicação; 2.ª classe: desejo e luta; 3.ª classe: temor e emenda.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: 1º Não ha trens de recreio. 2.º Não se vendem bilhetes de ida e volta. 3.º Tomam-se passageiros durante todo o percurso. 4.º As pessoas que não queiram perder o trem nas ligações, nem parar muito tempo na penultima estação, sirvam-se enviar de antemão o seu volume de boas obras. 5.º As crianças que não tenham ainda a idade da razão viajam gratis, mas sómente indo ao collo de sua mãe, a santa Igreja."

E dizer que não se trata duma anecdota inventada, mas duma rêde armada aos tolos e impressa a sério num convento e num jornal pio! Não se sabe o que mais admirar: se a manha do autor, se a simplicidade dos leitores.

Mas ha ainda um ponto instructivo: no trem rapido achamos o que enche os bolsos de Roma e lhe fornece soldados cegos. Ao passo que a caridade, a dedicação e o cumprimento dos deveres só se encontram no trem omnibus ou nas mercadorias, e ainda ahi não estão no primeiro lugar.

Não se vê nisso claramente a incompatibilidade absoluta da moral catholica com a verdadeira moral humana? O que esta ultima colloca em primeiro lugar e considera, com razão, como seu fundamento, põe-no a primeira na rectaguarda.

E' bom ás vezes analysar os empregados pela Igreja para arrebanhar os seus fieis.

LUX.

# CONTRA A CARESTIA DA VIDA

## Ao povo de S. Paulo

Povo! *Cidadãos!*

Como já tereis constatado, a vida nesta cidade torna-se cada vez mais cara, devido á insaciavel avidez dos parasitas que açambarcam todos os viveres e as habitações desta resignada S. Paulo.

Quando é que nesta capital os generos alimenticios e os alugueis de casas chegaram a preços tão exorbitantes?

Em 23 annos de Republica, lembramo-nos que só uma vez — em 1897 — os viveres e alugueis de casa chegaram quasi aos deshumanos preços de hoje, mas nessa época esse phenomeno era em parte explicavel por causa das revoluções intestinas que assolavam diversos Estados da Republica.

Mas hoje, onde está a razão de ser dessa anomala carestia?

Será uma razão de Estado?

Não. O Estado encontra-se em muito floridas condições, segundo as proprias declarações dos governantes.

Qual então a razão de encarecerem os alugueis e os generos alimenticios a preços insuportaveis, emquanto o preço da mão de obra permanece estacionaria? Talvez pelos impostos municipaes?

Porém, sabe-se que esses impostos foram augmentados na razão de um por cento ao anno, e os senhorios augmentaram o aluguel até de cincoenta por cento ao mez!!!

Qual a razão de tambem augmentar nessa mesma proporção os generos alimenticios? Será por falta de café, por não o cultivarmos mais? Por falta de feijão talvez? Será porque o arroz e outros generos são importados e pagos mais caros devido a não serem cultivados sufficientemente no nosso paiz?

Porque augmentaram de cento por cento o preço do assucar?!!

Este é um anormal estado de coisas, criado por uma sucia de vulgares usurpadores, que especulam vergonhosamente sobre o sangue do povo, que não tem nem casas, nem terras! A culpa desta afflictiva situação cabe a todos os grandes usurarios de S. Paulo, que nos querem espoliar e collocar-nos na dura contingencia de agir!

Cidadãos! Trabalhadores!

Não permittamos que esses deshumanos usurpadores privem os nossos filhos do necessario boccado de pão e da indispensavel habitação!

Se agora aqui em S. Paulo a vida nos custa 50 por cento mais cara, como devemos resolver este problema? Apertar mais a já apertada cintura dos nossos filhos e a nossa... na proporção de 50 por cento, para engordar mais os parasitas proprietarios de casas e dos usurpadores de *trusts*?!

Isso não pode nem deve continuar! Ficaria compromettida a nossa existencia e a dos nossos filhos!

Devemos agitar e agir!... Nós devemos e podemos reagir contra essa ladroeira escandalosamente illegal. E' necessario que tambem as autoridades competentes intervenham para pôr um dique a essa pirataria em detrimento dos trabalhadores e de todo o povo! E isso só conseguiremos quando fizermos sentir o nosso vehemente protesto.

Cidadãos! Trabalhadores!

Pelo commum interesse, sois convidados a tomar parte na grande reunião que se realizará no domingo, 5 de maio, ás 9 horas da manhã, no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo, 39,

S. Paulo, 30 de abril de 1912.

*O Comité de Agitação Contra a Carestia da Vida.*

## 1.º de Maio

Em S. Paulo a commemoração do 1.º de Maio teve um brilhantismo pouco commum.

Foi uma jornada de larga e fecunda propaganda que, tudo faz esperar, trará resultados praticos e duradouros para o movimento operario deste Estado.

Do que nesse dia se fez em S. Paulo, podemos dar apenas um palido resumo.

Na noite de 30 para 1.º realizou-se a annunciada velada de propaganda, que teve uma grande concorrencia.

Foi representada com agrado a peça em um acto *Don Pietro Caruzo* e uma farça em um acto. Não se encontrando em S. Paulo o companheiro encarregado de fazer uma conferencia, substituiu-o Edgard Leuenroth. pronunciando breves palavras sobre a agitação contra a carestia da vida e convidando os assistentes a tomar parte na commemoração de 1.º de Maio.

A paralização do trabalho nesse dia foi muito maior do que ha annos passados, notando-se por toda a cidade grande movimento de operarios.

A's 8 horas da manhã partiu o operariado do bairro da Moóca, precedido das bandeiras do C. de E. S. Francisco Ferrer e do C. S. Internacional e de uma banda de musica, para o largo da Concordia, onde teve logar o comicio promovida por essas agremiações.

Como era de esperar num bairro essencialmente operario como o Braz, este meeting teve uma concorrencia enorme, que applaudiu com enthusiasmo os diversos oradores que ali falaram.

O comicio do Salão Celso Garcia então teve uma rara importancia. Antes mesmo da hora marcada, no salão já se abrigava uma grande concorrencia, que foi se avolumando sempre mais até a chegada dos associados da União dos Canteiros que, tendo-se reunido na rua da Consolação, vieram incorporados, percorrendo o triangulo central precedidos de uma bandeira e de uma banda de musica. A' sua chegada falou um operario da sacada do salão convidando o povo a entrar.

A's 9 e 1|2 teve inicio a grande reunião, falando por encargo da União dos Canteiros o companheiro Engard Leuenroth. A seguir falaram muitos oradores em nome das sociedades representadas, das quaes nos escapam agora os nomes.

Quasi ás 11 horas, foi a attenção da collossal assembleia attrahida pelo *Hymno dos Trabalhadores* cantado na rua por centenares de vozes. Era a columna do Braz que acabava de chegar. Impossivel seria descrever o enthusiasmo desse momento em que os vivas confundiam-se com as notas empolgantes do hymno rebelde.

O vasto salão da rua do Carmo apresentava nessa occasião um aspecto imponente. Uma boa parte da assistencia teve de se acomodar pelos corredores, fora os que não pouderam entrar.

Falaram ainda diversos oradores e duas operarias, que levaram áquella reunião o brado de protesto das suas companheiras de soffrimentos.

Como poderiamos nós resumir tudo o que disseram os oradores no limitado espaço de que dispomos?

Todos os operarios que usaram da palavra foram concordes em attribuir ao 1º de Maio o seu caracter de protesto e de reivindicação. Foram todos unanimes tambem em constatar a necessidade da união da classe operaria em associações destinadas a defender os seus direitos economicos e moraes.

Pelo meio-dia Edgard Leuenroth tomou novamente a palavra para, em nome da União dos Canteiros, dar por encerrado o comicio. Esse companheiro aproveitou então a occasião para se occupar da agitação contra a carestia da vida, convidando o povo a tomar nella parte activa, pois é ao povo que cabe a defesa dos seus interesses. Terminou convidando os presentes a tomar parte no comicio das 7 e 1|2 da noite do largo de S. Francisco.

E, cantando em coro a «Internacional», o povo saiu para a rua, formando-se em uma compacta columna, que percorreu o triangulo central e dissolveu-se na rua da Consolação.

O comicio do largo de S. Francisco, que promettia ter uma concorrencia extraordinaria a se avaliar pelo enthusiasmo reinante, foi prejudicado pela chuva que começou a cair logo á tarde.

Mesmo assim, a União dos Pedreiros e Serventes reuniu-se no Bexiga, de onde veiu para o largo de S. Francisco.

Apesar da chuva torrencial com que o Padre Eterno protestava contra a nossa heresia... falaram alguns operarios, seguindo depois a commissão dos pedreiros com a sua bandeira pelo centro da cidade.

Foi, como se vê, um proveitoso dia de propaganda, que certamente dará resultado praticos para o movimento operario, como podemos verificar por esta moção apresentada por Edgard Leuenroth no Salão Celso Garcia e approvada com uma enthusiastica acclamação:

«Os operarios de S. Paulo, reunidos em grande comicio no Salão Celso Garcia para commemorar a data de 1.º de Maio, decedidos mais do que nunca a proseguir na luta para a reivindicação dos seus direitos de dia para dia em crescente menospreso por parte dos dominadores da sociedade capitalista e, conscientes do valor da solidariedade nessa mesma luta, affirmam o seu decidido proposito de iniciar com a reunião de hoje um activo e constante trabalho de organização dos syndicatos das diversas categorias de operarios de S. Paulo, sem o que os seus esforços se tornarão nullos pela falta de uma acção conjuncta das innumeras energias dispersas.»



## A FESTA DO DIVINO

AS GRANDES ESPECULAÇÕES CLERICAES—PALHAÇADAS INADMISSIVEIS.

Fui certa vez, por mera curiosidade, assistir a uma das chamadas festas religiosas, inventadas e instituidas pela sequiosa clericanalha.

Era então, como soube depois, occasião da festa consagrada a um tal Divino Espirito Santo, cuja personalidade religiosa e cujos humanitarios feitos historicos absolutamente desconheço, talvez por ser bastante ignorante em materia de religião clerical, pois só sei que esse festejado «espirito» foi um aguia que pintou o diabo a quatro para conseguir subir ao céo, cuja porta lhe foi aberta por vir elle disfarçado em uma purissima pomba.

Logo depois que entrei na igreja, senti-me mal, não só por causa do ar viciado, do aperto e da desordem como tambem por causa do injustificavel e vergonhoso apparato carnavalesco que havia dentro de uma casa intitulada igreja christã.

Percebi por cima das innumeras cabeças dos fieis uma porção de bandeirolas coloridas, varios estandartes grotescos e alguns bonecos ou imagens grimpados em algumas «pinoias» ou andores tão enfeitados que eram ridiculos.

Lembrei-me então de alguns bonecos que vi nos museus europeus e que muito se assemelhavam com os que via em um templo christão.

Estava examinando as paredes e os altares quando recebi pelas costas um colossal tranco que me atirou em cima de varias pessoas; o choque foi tão forte que, apesar de ser «sportman» apreciador do «foot-ball», quasi caih.

Depois de recuperar o equilibrio continuei o meu minucioso exame; de cada imagem que eu via perguntava a uma pessoa ao lado o nome, e assim fiquei sabendo o de muitos,

Um boneco vestido de fraque e encartolado, grimpado em um andor, era S. Roque.

Uma imagem adamicamente vestida e com duzias de flechas enterradas no corpo era o bello S. Sebastião.

(Creio bem que foi devido a essa imagem que os astutos industriaes inventaram os paliteiros de biscuit).

Estava rodeado de uma palhaçada carnavalesca tão pomposa e tão ridicula que já me propunha a sair daquelle antro de mercadores, que ludibriavam ingenuos carolas, quando subitamente todos se levantaram.

Perguntei logo a um christão qual era a razão daquelle «levantamento» geral.

Respondeu-me que ia ser feita a «inleição» dos festeiros; essa resposta com grande custo ouvi, por causa da algazarra que predominava naquelle santo recinto.

No altar principal vi dois padrecos cobertos de vestimentas vistosas e espalhafatosas que recebiam de dois «anjos» uns papelzinhos que iam lendo.

Com grande custo consegui ouvir uma parte do sorteio e que era uma mina de ouro para os reverendos roupetas.

Um dos padres lia o nome da victima e o outro dizia o que ella tinha de dar ou tinha de ser:

— Sr. Fulano de tal.

— 15$000.

E todos os olhares se voltavam para o lado onde estava o Fulano de tal.

— Sr. Simplicio Fagundes.

— Um boi.

E ninguem reagiu contra o insulto.

— Capitão Ambrosio da Cunha.

— Alferes da bandeira.

Tive pena do capitão, que fôra assim rebaixado sem prévio conselho de guerra.

Logo após seguiu-se outro:

— Coronel Zebedeu.

— Tenente da coroa.

— Bento Segismundo.

— Um bezerro.

— Tenente Remoaldo de Jesus.

— Capitão do mastro.

Respirei. Tinha havido uma promoção.

— Sr. Raymundo Martins.

— Imperador!!!

Houve um sussurro por toda a igreja e um sujeito fardado de roxo berrou com toda a força de seus pulmões:

— Toca a banda!

Seth Latour.

HISTORIA PORTUGUESA

## A extincção do tribunal do "Santo Officio"

(31 de março de 1821)

A d. Manuel I, que um duplo *bamburrio* levou inesperadamente ao throno, foi imposto, para que pudesse casar com a viuva do filho de D. João II, victima de um desastre que talvez fosse casual, que expulsasse de Portugal os judeus e mouros e obrigasse ao baptismo e ao catholicismo todos os portuguezes. Assim o exigia a côrte castelhana, desde seculos obsecada pelo fanatismo religioso. A côrte portugueza ficou-se tambem, para agradar á rainha. O herdeiro do throno, D. João III, foi desta forma *deseducado*, pondo-se-lhe o tal Deus e a tal religião catholica, perversa e intolerante, acima de tudo. Ha quem o qualifique de estupido e máu. Não temos dados para corroborar ou negar essa arguição. O que sabemos é que, educado numa côrte bestificante, o rapaz, por muito intelligente que porventura fosse, tinha que resentir-se do meio em que nasceu e viveu, e que obedeceu por completo.

Foi elle — segundo dizem dados historicos que nos ensinaram — que, com sacrificio do erario nacional, levou o papa a decretar a criação em Portugal da alçada inquisitorial destinada a acabar com a *heresia*. Estabeleceram-se, em Portugal e seus dominios, quatro tribunais permanentes, que funccionavam em Lisboa, Evora, Coimbra e Gôa, e outras alçadas secundarias, em Thomar, Porto, Lamego, Cabo Verde, Angola, etc., onde tambem se realizaram execuções, dessas em que, sob pretexto de *salvar as almas*, se lançavam individuos vivos ás chammas, que elles diziam ser o *emblema terrestre do fogo eterno*. Não mettendo em linha de conta as victimas das alçadas secundarias, a historia apresenta-nos, só para os quatro tribunaes permanentes, este sudario horroroso:

*Lisboa* — Queimados vivos, 355 homens e 221 mulheres; sujeitos a tormentos, 6.005 homens e 4.960 mulheres; mortos nos carceres, 1.706 homens e 556 mulheres. *Evora*, respectivamente, 234 homens e 200 mulheres; 6.916 e 5.765; 801 e 667. *Coimbra*: 180 e 215; 6.249 e 7.252; 640 e 720. *Gôa*: 82 e 32; 4.840 e 1.512; 725 e 227. Total de victimas, incluindo queimados vivos, torturados e mortos nas prisões: — 27.735 homens e 22.317 mulheres.

Por esta leve resenha de numeros, que, como dissémos e nunca é demais repetir, não inclue senão as victimas dos quatro tribunaes permanentes, se vê o que era esse tribunal maldito, inventado pela não menos maldita religião catholica, apostolica romana para se desfazer dos que lhe não seguissem á risca os intolerantes preceitos. Durante o periodo de 281 annos de vigencia da Inquisição em Portugal era entregue ás chammas quem, *sem bula*, comesse carne ás sextas-feiras ou aos sabbados, quem não gostasse de carne de porco, quem faltasse a uma missa ou a uma confissão, quem lesse ou não denunciasse que vira ou ouvira ler livros hereticos, e tambem quem, sendo rico, pudesse, pela confiscação, augmentar com os seus bens o peculio do *pobresinho* do Vaticano e dos não menos *pobresinhos* seus famulos.

O marquês de Pombal, que, apezar de toda a sua energia, não teve forças para acabar com este tribunal infame, ainda assim conseguiu vibrar-lhe um fundo golpe com o decreto em que lhe limitou consideravelmente a jurisdição e os poderes. Estava reservada ás Côrtes Constituintes que haviam de nascer da revolução de 24 de agosto de 1820 a gloria de lhe dar o golpe de misericordia. E a essa gloria não se esquivou a grande revolução. Logo nas suas primeiras sessões, o deputado Francisco Simões Margiochi apresentou uma proposta para que fosse abolida esta mancha de sangue e de vergonha que ainda existia na nossa legislação. A proposta de Margiochi teve larga e acalorada discussão.

Augusto José Vieira.

## Biblia vermelha

*Cada passo da humanidade está manchado de sangue e mostra o esforço e o labor da raça humana. Cada passo é uma esperança e um sonho, a esperança e o sonho da liberdade, os mais caros ao coração dos homens.*

Clarence S. Darrow.

*
* *

*No tempo em que nós, os japonezes, não tinhamos senão artistas, eramos por vós considerados como selvagens; agora que fazemos a guerra, achais-nos civilizados!*

Motono *(embaixador)*.

*
* *

*Quem discute apresentando autoridades não dá prova de genio, mas antes de boa memoria.*

Leonardo de Vinci.

## Em Campinas, Jundiahy e Santos

Participamos aos nossos assignantes destas cidades que por toda esta semana serão visitados por um nosso companheiro.

Todos sabem que estas viagens custam-nos grandes despesas, razão pela qual estamos certos que nem um só dos amigos da *Lanterna* deixará de contribuir com a sua assignatura.

Os que não puderem ser encontrados, farão o favor de deixar em casa a quantia devida.

## Aos libertarios do Braz

Todos os libertarios residentes no bairro do Braz são convidados a tomar parte em uma reunião que se realizará amanhã, domingo, ás 3 horas da tarde, no largo da Sé, 5 (sala n. 6), na qual se tratará de uma iniciativa de propaganda que interessa especialmente os companheiros desse bairro.

*Um grupo de companheiros.*

## A "Lanterna" em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circumvizinhas, é agente da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andrade Neves, 558, e que está autorizado a tratar ali de tudo quanto se relaciona com a *Lanterna*.



## Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communiquem a primitiva residencia.

# O progresso de S. Paulo

III

E' natural que todos os argentarios, não só de S. Paulo mas de todo o mundo, disponham de seus capitaes como lhes convier, visto serem donos, senhores e possuidores de seus haveres; é um direito que ninguem lhes póde contestar; e afinal, nada temos que ver com isso.

Porém consta-nos, não sabemos se é ou não verdade, que o illustre *conde* papalino que assignou duzentos contos de réis para a construcção da nova cathedral em projecto, é um dos maiores e mais adeantados industriaes da capital paulista, como um dos maiores argentarios possuindo, dizem, uma fortuna superior a sessenta mil contos. Se tudo isto é verdade, bom proveito que lhe faça.

Mas se é facto que o illustre *conde* subdito do *rei* papa, que subscreveu duzentos contos de réis para a nova cathedral é o mais adeantado industrial e o maior capitalista de S. Paulo, nós tomamos a liberdade de lhe perguntar: — Quem foram seus auxiliares que concorreram, em parte ou no todo, para esse rasgo de liberalidade tão pronunciada e franca?

E' de suppor, se não certo, que foram seus operarios que com sua boa vontade, com sua dedicação até ao sacrificio, empenhando toda sua vitalidade em troca de um modesto salario, para elles e suas familias não morrerem de fome, que produziram esse elevado capital de duzentos contos de réis e muito mais, para que o illustre *conde*, subdito do papado, podesse por sua vez assignar tão elevada quantia para a construcção de um templo de uma seita religiosa em decadencia pela immoralidade de seus ministros, como o provam os factos praticados no Orfanato Christovam Colombo e muitos outros, como tambem pelo luxo do seu culto externo proprio do mais grosseiro paganismo, que será sempre e eternamente a pedra de escandalo perante a moderna civilisação, perante a mais modesta razão, em face do mais elementar raciocinio, e em face mesmo dos proprios Evangelhos que diz acatar.

Mas afinal, o illustre conde que foi tão *generoso* e de uma liberalidade tão *franca*, abrindo com mãos largas os cordões á bolça, offerecendo duzentos contos de réis para a construcção de um casarão que não poderá trazer á humanidade soffredora utilidade alguma, nem pratica nem theorica, visto que a construcção de uma grande cathedral archiepiscopal na capital do Estado de S. Paulo, só traduz o mais deploravel luxo, a mais triste vaidade, o mais doloroso desperdicio, onde se fundirão grandes capitaes na construcção de uma *montanha* de granito, argilla, calcario, madeiras e ferragens, só com o fim da *mais alta generosidade de agasalhar* idolos e bonecos que não sentem fome nem sêde; não têm frio e nem calor!!

Entretanto, illustre *conde*, o que tendes feito em pról de nossos irmãos, os operarios, que sentem fome e sêde; que soffrem frio e calor? Nada!! Simplesmente nada!!!

A triste classe operaria habita casas sem ar, sem luz, sem hygiene, não podendo nessas habitações insalubres, recuperar suas forças gastas em um trabalho continuo em vosso proveito e de muitos madraços que nada fazem em pról da humanidade; até que os pobres operarios chegam a um *estado de marasmo senil* physico e moral, por sua dedicação ao trabalho, por sua honestidade, por sua elevada boa fé, por sua simples ingenuidade!

Assim, illustre *conde* papalino, como fostes de um *altruismo* digno de vossa grande riqueza para com *vossos ideiaes religiosos*, temos a certeza que tereis tambem um elevado sentimento sociologico, pondo de parte crenças religiosas, para vos collocardes á frente de uma empreza digna de vós mesmo, para a construcção de villas operarias, já por vossa iniciativa pessoal, já como um dos maiores accionistas de uma sociedade anonyma para tal fim, vinculando vosso nome a um dos mais elevados melhoramentos em prol da afanosa classe operaria e para a grandesa e progresso deste poderoso e grande Estado, digna patria dos arrojados bandeirantes.

O nosso appello não é unicamente dirigido ao illustre *conde* papalino, mas a todos os seus companheiros de assembleia reunidos no dia 25 de janeiro p. passado, no palacio S. Luiz, a convite do illustre arcebispo d. Duarte Leopoldo.

Se nos temos dirigido directamente ao illustre *conde*, subdito do papado, é pelo facto de ter elle sido o maior assignante que subscreveu duzentos contos de réis para a construcção da futura e grande cathedral paulista.

E' necessario que os illustres e grandes industriaes, assim como os não menos illustres e grandes capitalistas comprehendam esta verdade: — A classe operaria, composta de trabalhadores de todos os matizes, desde o artista industrial até os trabalhadores da lavoura, é o unico elemento de progresso, factor das grandes riquezas, quer pessoal quer collectiva; como tem sido e será a grande alavanca do movimento progressivo dos povos, da grandeza e prosperidade das nações!

Entretanto a classe operaria até nossos dias tem sido tratada como os párias da moderna sociedade, sendo os seus maiores tyrannetes a classe renegada dos burguezes que enriqueceram á custa do seu trabalho e labor continuo e sem descanço algum em toda sua vida!

**Araré.**

# O CASAMENTO DOS PADRES

A respeito do celibato ecclesiastico, cuja abolição não resolveria certamente a questão clerical — ao menos para nós, que consideramos o padre, mesmo casado, como um parasita nocivo e interessado na persistencia da exploração e do embrutecimento de que tira proventos — achamos interessante reproduzir do *Diario de Noticias*, de Lisboa, numero de 22 de janeiro, a seguinte carta de Roma:

No theatro Argentina — onde actualmente está a companhia dramatica Estavel — estreou-se, hontem á noite, com grande exito uma comedia novissima, em tres actos, de E. A. Berta, intitulada "La Carne".

O autor quiz apresentar em scena uma questão moral e social, a prohibição aos sacerdotes de casar, argumento não completamente novo e que em Italia, pelo menos está muito longe de ter uma solução definitiva.

Como é de supor, dadas as opiniões liberaes professadas pelo sr. Berta, a comedia é partidaria de que essa prohibição seja abolida; e, para sustentar a sua these, vale-se de um caso simples e persuasivo.

A acção de todos os tres actos da comedia, passa-se em casa de monsenhor Anatolio, que é o paroco de uma aldeia qualquer, mas que é o que se chama um homem superior e geralmente querido pelo seu bom coração.

Vivem com monsenhor Anatolio sua irmã Clarisse, uma solteirona muito beata; seu sobrinho Luciano, para quem elle tem sido como que um pai muito affectuoso, e uma rapariga — Frida — que ficou orfã sendo ainda criança e que foi caritativamente recolhida, em sua casa, por monsenhor.

Luciano e Frida criaram-se juntos, e, ao alcançarem a idade de reflexão, comprehendem que se amam. Mas a tia Clarisse, destinou seu sobrinho para a vida sacerdotal; e Luciano ainda que não tenha por aquelle genero de vida uma verdadeira vocação, deixa-se convencer por sua tia, especialmente quando esta lhe deixa comprehender que, fazendo-se padre, salvará a familia, a parochia mesmo, quasi da miseria, causada pelas prodigalidades bemfeitoras de monsenhor Anatolio, pois que uma velha marqueza deixou por testamento a sua consideravel fortuna á igreja, ou melhor, a Luciano, com a condição de que elle se fizesse sacerdote e continue vivendo na diocese de seu tio.

Sem embargo, monsenhor Anatolio, tenta apartá-lo da vida sacerdotal e o mesmo faz a senhora Raymunda, uma formosa viuva. . um pouco leviana e talvez peccadora, a qual, para melhor conseguir o seu fim, convida para sua casa Luciano... e seduz-o.

Luciano — que no fundo era um mistico — uma vez commettido o peccado, arrepende-se; e querendo purificar-se faz a penitencia.

Passam seis annos. Tudo mudou: em casa de monsenhor reina agora o bem estar. Frida fez-se uma linda rapariga e Clarisse é feliz por ter seu sobrinho padre.

Luciano volta a casa: e, como é facil de prever, demostra-se uma vez mais a verdade do adagio "quien ha bebido, beberá... quien ha amado, amará..."

A paixão, que a separação tinha sómente adormecido; revive de novo nos corações de Luciano e Frida e as consequencias não tardam a manifestar-se, pois que o joven padre não soube resistir aos estimulos da carne.

Frida quer redimir a sua falta matando se. Mas interpõe-se monsenhor Anatolio, informado do occorrido por outro sacerdote; e quando lhe perguntam: Que aconselhas tu nestes casos, aos teus penitentes?" o outro responde sem vacilar: "Casar-se com a mãe e dar um nome á innocente criatura."

E, a seguir, monsenhor Anatolio, com argumentos tirados da Biblia, da natureza humana, da moral e das necessidades sociais, demonstra o absurdo da obrigação de ficarem solteiros os sacerdotes.

A efficazes phrases de monsenhor inspiradas em uma grande logica de humanidade, convenceram, hontem á noite, plenamente, o auditorio, que interrompeu as suas affirmações com uma estrondosa salva de palmas.

Mas devemos deduzir desde já que a questão não suscitará opiniões diametralmente oppostas? Não importa. Certos problemas não temem ser debatidos; e sempre é conveniente voltar a pôl-os em discussão, para vêr se apparecem resoluções definitivas.

O sr. Berta tratou a sua these sem luxo algum de erudição teologica ou philosophica e disse pela bocca de monsenhor Anatolio, tudo o que um homem simples e honrado puder tirar da sua experiencia e das suas observações sobre as coisas da vida. Graças a tão louvavel procedimento, não aborreceu nunca o publico. E com effeito os tres actos da comedia passaram alegremente, entre tipos bem deliniados e situações interessantes, sendo o dialogo correcto e proprio mesmo nos momentos mais escabrosos, como a conversa entre monsenhor e a viuva... alegre, Raymunda.

A interpretação dada á linda comedia de Berta, pela companhia Estavel, foi surprehendente.

**E. T.**

—

Ainda a proposito deste assumpto, registemos as opiniões do cardeal Mathieu, do qual a *Nouvelle Revue* publicou uma memoria, que parece ter sido dirigida ao papa em 1904.

Alguns trechos:

"A lei ecclesiastica do celibato, como é applicada na Igreja catholica, tem, ao menos apparentemente, um lado odioso e que escandaliza: é a opposição systematica da Sacra Penitenciaria a desligar o padre dos seus empenhos e a absolvê-lo do casamento, para o rehabilitar, se não em suas funcções sacerdotaes, pelo menos na sua vida de christão e seus deveres de pai."

"O padre é absolvido de todos os crimes, mesmo contra a natureza, excepto do casamento segundo a ordem da natureza.

"O padre é absolvido quando infringe as leis naturaes e divinas, mas nenhum confessor o pode absolver se infringe a lei ecclesiastica e humana do celibato."

# A revolução mexicana

Não pudemos inserir em nosso numero passado, como haviamos promettido, a lista de subscripção iniciada pelo companheiro Feliciano Chans e cujo producto já foi remettido ao comité do Partido Liberal Mexicano.

E esta a lista:

Feliciano Chans, 25$. José Muñoz, 10$. José Cabrera, 5$. Ignacio Dertonio, 5$. Francisco Martinez, 5$. José Cortez, 5$. Ildefonso Perez, 5$. José Sanz Duro, 5$. J. M., 5$. Issac G. Lopes, 5$. Antonio Berdugo, 2$. Antonio Sevane, 2$. Ildefonso Cabrera, 2$. Juan M. Lopez, 2$. Miguel Cabrera, 2$. Fernando Campos, 2$. Antonio Rivas, 2$. Manuel Romero, 2$. José Ruiz, 2$. Antonio Romero, 1$. Antonio Manzano, 1$. José Telles, 1$. Gabriel Sanchez, 1$. Diego Roca, 1$. Pedro Bischoff, 1$. Antonio Nalepinsk, $500 réis. Um Ignorante, 1$. Leoncio Serrano, 1$. Manoel Conde, 15$. Miguel Prieto, 2$. Manoel Romero, 2$. — Total, ..... 120$500.

## C. E. S. "Francisco Ferrer"

O Circulo de Estudos Sociaes FRANCISCO FERRER, desta capital, pede ás administrações de revistas e jornaes de propaganda que lhe enviem um exemplar de cada numero para a sua sala de leitura.

O endereço é o seguinte: C. E. S. "Francisco Ferrer", rua da Mooca, 13c — S. Paulo.

# Declarações de solidariedade

**Liga Anticlerical do Rio de Janeiro** — Nós abaixo assignados, reunidos em assembleia na séde da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, levamos aos denodados combatentes do anticlericalismo Edgard Leuenroth e Oreste Ristori, pela victoria ultima obtida, com o despronunciamento do processo contra elles movido pelo sinistro Orfanato Christovam Colombo, victoria essa que é uma affirmação insofismavel das verdades por elles corajosamente proclamadas, trazemos enthusiasmados, a esses camaradas, as nossas felicitações mais effusivas e ardentes.

José Rodrigues, Jacob Chain, Igino Francioli, Manoel Medeiros, F. J. de Oliveira, M. Macedo, M. Santos, José Alves Freitas, João Leuenroth, Carlos Augusto de Lacerda, Joaquim Herrera, Hygino Alves, Adelino Rodrigues Maçãs, Angelo A. Perez, Francisco Faria, José Ramos, Joaquim Novaes, Luiz de França, Antonio Abranches da Rocha, Silverio de Araujo, Silverio Gonzalez, Manoel Esteves, Antonio R. Maçãs, Ulysses Martins, Amilcare Boni, Adolpho Busse, Estevão Boni, Manoel Coimbra Flamengo.

***

Sr. Edgard Leuenroth:

Ao ter conhecimento, pelas columnas de vosso heroico jornal, da victoria grandiosa que vem coroar o vosso denodado e inquebrantavel esforço e da vossa abnegada missão, qual soe ser esse combate infreme contra a impunidade dos maiores criminosos que a justiça pode comprehender hoje, os clerigos nojentos, victoria essa que se inicia com a vossa despronuncia. eu, que vos admiro em cada numero desse orgão de liberdade e de luta, não posso fazer calar os meus sentimentos de alegria e de applauso, quando, no presente momento, toda e qualquer manifestação de solidariedade torna-se imprescendivel para o realce do vosso valor.

Para os que ainda creem na Justiça, apesar de seu decadente prestigio, reflexo da prostituição de seus legitimos defensores, hoje mercadores e traficantes em vez de homens no vigor de suas consciencias, é regosijo grande conhecer a sentença do dr. Adolpho de Mello, filiado ainda a seita dos caracteres puros e nobres que não se deixam arrastar na onda impetuosa dos que procuram a satisfação de seus interesses praticos, em troca da independencia de sua opinião e do seu pensamento.

Por isso é que, cedendo a todos esses legitimos impulsos, eu venho, pela segunda vez, trazer-vos as minhas felicitações; que, convencido da vossa incomparavel victoria, emergindo desse mar infecto de prostituições, de odios, de calumnias, de putridas ambições, onde infelizmente sois levado a ir descobrir as serpentes peçonhentas que se submergem traiçoeiramente nesse charco repugnante, eu congratulo-me com o intemerato, director da *Lanterna*, o famoso phanal que desvia os incautos da ilha infernal, a Igreja Catholica, em cuja pedra tantos batem e sossombram!

Rio, 16 — 4 — 1912. — Augusto Fontenelle.

***

Cidadão Edgard Leuenroth:

Com o mais effusivo enthusiasmo, abraça-o e ao amigo Ristori por mais um triumpho alcançado na impronuncia do novo processo arranjado pelos satyros do orphanató covil.

Dia em dia mais corôas de louro engrinaldam a bandeira desfraldada em defeza da honra da familia brasileira.

Parabens! parabens!

Florianopolis, 17 — 4 — 1912. — Chrysanto Eloy de Medeiros.

***

Edgard:

Felicito-te e ao Ristori pela impronuncia no processo do maldito Orfanato.

Mais uma vez ficaram desmascarados os infames e cobardes responsaveis pelo desapparecimento da infeliz Idalina de Oliveira.

Carlos A. de Lacerda.

## Bilhetes e recados

Monte Azul — F. R.: Fizemos a transferencia do assignante indicado, Saudações.

Serrinha-Pedras — J. F. Silva: Remettemos os pacotes pedidos. E' realmente um bom meio de se estender a propaganda. Saudações,

Santos — J. Louzada: Começamos logo a enviar o jornal para o novo endereço. Os folhetos devem ser remettidos pelo Frigerio. Saúde!

Canoas — J. O. F. da Cunha: Foi feita a transferencia de accordo com a sua indicação. Saudações.

Rio — M. V. de Carvalho: Aproveitaremos os boletins que teve a bondade de enviar-nos. Com manha, procuram elles tirar proveito de todas as situações. E fazem o mesmo por toda a parte. Saudações.

Restinga — A. B.: Recebemos a importancia de sua assignatura annual. Remettemos as medalhas e os folhetos. Saudações.

Sorocaba — J. R.: Está muito bom. Tenha paciencia e prosiga na tua obra. Consola-nos a certeza de um lugarzinho no Paraizo... Saudações.

Mineiros — U. B.: Agradecemos as informações que nos forneceu. Saudações.

Bebedouro — N. de Castro: A remessa tem sido feita com regularidade, seguindo o seu jornal com os demais dahi. Saudações.

Guanhães — A. A. B: Recebemos sua carta e a correspondencia. Voltaremos a tratar do nosso heroi de Correntes e tambem dahi. Estamos abarbados com a narração de tantos feitos verificados por esse mundo em fóra. Mas nada nos escapará. Saudações.

Campinas — E. B. J.: Satisfizemos o seu pedido remettendo um pacote de alguns numeros. Saudações.

Jundiahy — M. J. da F.: O jornal tem sido enviado pontualmente ao endereço indicado. Remettemos os numeros estraviados. Saudações.

Rio — J. de los Santos y Rosa: Ainda não sabemos em quanto ficará cada exemplar. Saudações.

Pirituba — A. P. da C.: Foi um excellente propagandista que perdemos. Registei a tua contribuição de 15$ para a impressão do livro do inditoso Moscoso. Saudações.

S. Paulo — J. M. Bueno: Produziu realmente uma grande magua entre todos os seus amigos. Registei os teus 5$ para o seu livro. Saudações.



## "A Lanterna" no Interior

*A Lanterna*, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

*Em Ribeirão Preto*, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

*Em Campinas*, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

*Em Santos*, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

*Em Mogy das Cruzes*, na agencia do sr. Antonio Costa.

*Bello Horizonte*, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.

*Cataguazes*, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

*Florianopolis*, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4,



## "A LANTERNA"

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

## "A Lanterna" em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

Encontra-se á venda na Messageira Central, á rua Bragança.

## BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . . $200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* . . . . . . . . $200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . . $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico* . . . . . . . . $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . . . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . . 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . . 2$000
*Jesus Christo nunca existiu*, Bossi, $800
*Religião e Evolução*, E. Haeckel . 1$500
*Sociologia Fundamental*, Benteo . 5$000
*Dôr Universal*, Faure . . . . 1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu* $200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población* . . . . $100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* . . . . . $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* . . . . . . . . . . $100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal* . . . . . . $100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo* . . . . . . $100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . . . . . 1$500
*Almacco Libertario illustrado 1909* $300

EM FRANCEZ

*Les Prisons*, Pierre Kropotkine, . $300
*L'Esprit de Révolte* " . . . $200
René Chaughi, *La Femme Esclave* $100
Jean Grave, *Léntente pour l'action* $200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan* . . . . . . . . . $200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* . . . . . . . . $100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne* . . . . . . . . . . $200
Elisée Reclus, *Evolution e Révolution* . . . . . . . . . . $200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . . $100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . . $300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére* $200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme* $300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique* . . . . . . . . $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére* . . . . . . . . . $100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* . . $100
" " *La Morale Anarchiste* . . . $200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage* $200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* . . . . . $100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics* . . . . . . . $100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . . $100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre* . . . . . . . . . . $200

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

## "A LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphae Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

Leiam! propaguem! o

## Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento. . . . . 6$000
Avulso. . . . . . 200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

## Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.